



Representação Parlamentar CHEGA

TEMPOS DE INCERTEZA SÃO TEMPOS DE FIRMEZA

Senhor Presidente da Assembleia Regional

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente e vice-presidente do Governo Regional dos Açores

Senhoras e Senhores membros do Governo Regional dos Açores

Estes são tempos de incerteza que nos obrigam a grande firmeza. Incerteza pelas consequências desta guerra, mesmo que longínqua, mas que tem trazido fortes malefícios às famílias açorianas, quando já se achavam a sair de uma crise pandémica.

Nas crises não somos nós, os políticos, os governantes, os que mais sofrem. Até arrisco a dizer que somos aqueles que menos sentimos os seus efeitos. O pior que nos pode acontecer é sermos rejeitados pelo povo do cargo que ocupamos. Numa crise, são as pessoas, as famílias, especialmente as mais pobres, aquelas que mais sofrem, mesmo que em silêncio.

O compromisso solene que fizemos de os proteger e de os defender é nestas alturas que mais faz sentido. É obrigação de todos nós que aqui estamos, de fazer mais e melhor por aqueles que em nós depositaram a confiança. Se tal tarefa falharmos, podemos dizer que democracia falhou.

Neste novo tempo de incerteza, uma das grandes apostas que os Açores fazem no turismo, poderá ver a sua dinâmica diminuída ou até mesmo revertida. Todos sabemos que quando não há ou pouco temos de dinheiro para as necessidades imediatas, certamente não o teremos para viajar. É algo que o senso comum nos obriga a sentir como verdade, não valendo a pena fingirmos ou entrarmos em demanda inúteis. Como diz o Povo: “quando não há, até o Rei Perde”!

A verdade seja dita, se os Açores têm turistas e turismo não é por ter uma estratégia forte e segura para este sector, mas sim por termos algo de muito valioso que são estas belas ilhas, com as suas boas gentes de costumes e tradições singulares.



Representação Parlamentar CHEGA

Assim sendo, continuamos à espera de um plano que divulgue este belo espaço arquipelágico pelos quatro cantos da terra, que atraia, cada vez mais, um turismo de qualidade, gerador de riqueza e que alavanque a nossa economia, mas especialmente a nossa sociedade desigual e empobrecida.

O passado deve sempre nos ensinar algo e as lições da monocultura da vaca não se podem voltar a repetir. Esta terra só sobreviverá se soubermos manter com dinamismo vários sectores, com especial relevo para alguns que são evidentes e pouco dependentes do exterior.

Neste sentido começaria pelas pescas. Um sector que grita há largas dezenas de anos, empobrecido, desamparado, até mesmo olhado como inferior, algo inaceitável. Algo que não podemos compreender quando o nosso maior território é o marítimo.

Quanto à agricultura e à lavoura o futuro é incerto, mas teremos sempre condições para, à nossa dimensão, ter o que tirar da terra ou da vaca. Mas como «não só de pão vive o homem», também a nossa pecuária tem de evoluir e serem acarinhadas outras áreas como as ovelhas e borregos, as nossas culturas mais evidentes como as meloas, mas sem tirar o foco de testar novas culturas que aqui o chão poderá ser próspero, mas tardamos em investir na investigação.

Mas se tudo é importante, lembro que são as pessoas as mais importantes em tudo e em qualquer contexto. Pouco serve uma boa economia ou um ambiente fantástico se não tivermos pessoas ou se as tivermos descontentes.

E pessoas são os nossos idosos, alguns a viverem com míseros 300 euros mensais. Questiono aos senhores e senhoras deputadas, conseguiriam viver com esta quantia? Suponho que não.

Também não podemos esquecer as nossas crianças, abrindo o caminho para o futuro livre dos malefícios dos tempos modernos, mas com perspectivas de emprego, boa formação e dignidade, seja qual for a profissão que escolham, quer sejam pedreiros, lavradores, pescadores ou médicos, professores ou engenheiros.

Tudo é bom quando a recompensa também é boa. Tudo é mau quando a única opção de vida é passar largos anos de juventude agarrado aos livros porque, caso contrário, no suposto patamar abaixo serão sempre pobres e cada vez mais rejeitados.



Representação Parlamentar CHEGA

Senhor Presidente da Assembleia Regional

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente e vice-presidente do Governo Regional dos Açores

Senhoras e Senhores membros do Governo Regional dos Açores

Já é tempo de dar dignidade social e salarial tanto às profissões tradicionais como às com o dito “canudo”. Nascemos iguais, morremos iguais, mas pelo caminho não somos tratados como iguais.

Se os tempos são incertos então teremos de ser certos na nossa firmeza. Se me permitem, deixo aqui este desafio a que o CHEGA está e sempre estará pronto a abraçar venha de onde vier, de quem vier.

Desejo, em meu nome e do CHEGA Açores, a todos os Açorianos um Santo Natal e um Feliz Ano Novo.

Que Deus proteja a Pátria Açoriana, a Família e o Trabalho, para que nunca nos falte o pão na mesa.

Disse!

Horta, Sala das Sessões, 15 de Dezembro de 2022

O Deputado

José Pacheco